

**ANAIS DO
IX SIMPÓSIO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DOS
PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA**

(Florianópolis, 17 a 23 de julho de 1977)

Organizados pelo Prof. Eurípedes Simões de Paula

**Publicados pela Profa. Alice Piffer Canabrava
Secretário Geral da ANPUH**

O HOMEM E A TÉCNICA

Volume III

SÃO PAULO - BRASIL

1979

A TÉCNICA EM NÚCLEOS COLONIAIS ALEMÃES DO RIO GRANDE DO SUL NO SÉCULO XIX*

HELGA I. L. PICCOLO

*Universidade Federal do Rio Grande
do Sul e da UNISINOS*

Perseguiu o Império Brasileiro diversos objetivos ao promover a imigração européia para seu território. Conforme Oberacker(1) estes objetivos eram:

- demográficos (isto é, povoamento);
- morais (dignificação do trabalho manual);
- sociais (formação de uma camada média);
- militares (defesa das fronteiras);
- econômicos (abastecimento das cidades e do exército);

Embora a maior preocupação do governo brasileiro, ao promover a imigração após 1822, fosse aliciar soldados (para garantir a Independência diante da ameaça portuguesa ~~em~~ não reconhecê-la), desde logo vieram colonos - dando continuidade à política iniciada por D. João VI - e cujo número crescia à medida que a Independência política brasileira se consolidava.

Conforme Octavio Ianni(2), duas foram as correntes imigratórias estabelecidas no Brasil no século XIX: a corrente colonizadora orientada para o povoamento, especialmente no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná e que provocou a forma  de setores de produ  agrícola e, depois, artesanal e fábrica e a corrente destinada a prover de mão-de-obra a cafeicultura.

Na presente comunica , será feitas algumas considera es em torno da coloniza  alemã de base agrária no Rio Grande do Sul, província que foi sem d vida das mais beneficiadas com a vinda de colonos alemães no decorrer do período imperial.

(*) Comunica  apresentada na 2a. Sessão de Estudos, Equipe B, no dia 19 de julho de 1977 (Nota da Reda o)

Pelo aviso do governo imperial de 31 de março de 1824, o presidente da província de São Pedro do Rio Grande do Sul, José Feliciano Fernandes Pinheiro ficou ciente de que na Corte esperava-se para breve

"humã colonia de Allemães, a qual não pode deixar de ser de reconhecida utilizada para este Império pela superior vantagem de se empregar gente branca, livre e industrial"(3).

Esse aviso veio ao encontro das preocupações do presidente com *"a minguada povoação desta província"*(4), porque o estabelecimento de uma colônia de alemães além de contribuir para o povoamento e povoamento também sinônimo de defesa, de segurança, a partir da difusão da pequena propriedade, poderia ser a solução para o problema da mão-de-obra, ante a perspectiva cada vez mais presente da abolição do tráfico, primeiro passo para a futura abolição da escravatura.

Num despacho (de nº 19) ao ministro do Império datado de 10 de abril de 1830, o presidente da província Caetano Maria Lopes Gama escrevia a respeito de sua visita à Colonia de São Leopoldo(5):

"As observações que fiz durante o tempo que alli estive, os esclarecimentos que occasionalmente tenho adquirido em razão do meu emprego, induzem-me a crer, que aquella colonia corresponde rá pela utilidade e vantagens, que promette à esta Província, aos sacrificios que tem feito o Brazil para excitar a emigração dos colonos nella estabelecidos. Eu vi terras agricultadas por familias de 4 a 6 pessoas que seguramente exigirão o trabalho de 8 a 10 escravos para humã igual cultura. O uso da charrua e do arado; a maneira de preparar as terras para as diferentes produções a que se destinão, o trabalho voluntario e em proveito proprio são as principaes razoes de humã diferença tão sencivel entre o serviço dos colonos e dos escravos".

Além de fazer a apologia do trabalho livre, cujos resultados vijnham em proveito próprio, as observações de Lopes Gama confirmam a afirmação de Oberacker(6):

"A técnica nos estabelecimentos era complementada pelo emprego do arado, da grade e da carroça de quatro rodas".

Entramos, aqui, especificamente no problema da técnica utilizada nos núcleos coloniais, pretendendo-se averiguar a sua excelência tal como o Relatório de Lopes Gama, escrito seis anos após o início da colonização alemã, deixa entrever.

Não vamos nos deter em discussões de natureza teórica sobre o que seja técnica. Vamos utilizar um conceito bastante simplificado de técnica, qual seja "o uso de meios para racionalizar os métodos de produção", sendo o critério básico da técnica a eficiência.

Teoricamente a colonização alemã no Rio Grande do Sul poderia ter sido a responsável pela introdução e difusão de técnicas agrícolas então conhecidas, porque usadas, na Europa; ou ao menos, em face das diferenças ambientais, que tivesse ocorrido uma adaptação dessas técnicas. Mas na prática aconteceu o que é sobejamente conhecido: o colono, assim que se estabeleceu no seu lote, usou a técnica primitiva da queimada (atê hoje usada). Parte da floresta (ou mata) nativa era derrubada para dar lugar a uma clareira onde se plantava aquilo que se pretendia colher. Quando chegava a próxima cultura, o terreno estava coberto de capoeira (arbustos e plantas que ali se desenvolveram), que era cortada sendo as ramas abandonadas no próprio lugar e depois de secas, queimadas. No solo coberto de cinzas, a plantação era feita. O número de colheitas num mesmo terreno, dependia da cultura praticada e da fertilidade do solo. Diminuindo o rendimento, a roça era abandonada, sendo nova roça aberta com as mesmas técnicas.

Assim os colonos adotaram e conservaram a técnica primitiva da rotação das terras aprendida com a população pré-existente que a herdara dos indígenas(7).

O ciclo que acontecia - derrubada - queimada - plantação - capoeira, *"recomeça regularmente em cada roça e como essa repetição é catastrófica, eis a definição que nos parece convir-lhe mais exatamente: agricultura temporária e periódica da queimada. Assim nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul como no resto do Brasil, 'foi a caixa de fósforos o instrumento de cultura favorito', seguindo a expressão de Setzer retomada por Mombeig"(8).*

Essa técnica talvez pudesse ser justificada no início da colonização - na fase do desbravamento - quando os recursos pecuniários dos colonos provavelmente não permitissem a utilização de outras técnicas, uma vez que pouco ou praticamente nenhum cabedal trouxeram da Alemanha.

Ainda em 1861, preocupado com isso, o presidente da província Conselheiro Joaquim Antão Fernandes Leão(9) dizia:

"No ponto a que temos chegado talvez já estamos perto de poder dar exclusiva preferencia à emigração espontânea. É a única que convém à provincia, porque é tambem a unica que arrasta a presumpção de trazer consigo algum pequeno capital..."

Mas a técnica da queimada não foi usada apenas nos primórdios. Ela como que se institucionalizou entre as futuras gerações de colonos de origem alemã, não só nas antigas zonas de colonização mas também nas frentes pioneiras. Mesmo levou novas de colonos vindos da Alemanha nos fins do século XIX e princípios do século XX, conhecedores de novas técnicas, mais modernas, não conseguiram alterar o que já era tradicional.

Assim como é indiscutível que os colonos de origem alemã fizeram ressurgir e florescer a agricultura no Rio Grande do Sul, também é indiscutível que a permanência da técnica da queimada foi a característica dessa agricultura.

Observadores e analistas da agricultura colonial sul-rio-grandense salientam, unanimemente, os seus aspectos negativos: rotina, deficiência de maquinaria, insuficiência de capital.

Em 1861, o presidente da província Fernandes Leão(10) dizia textualmente:

"Era de crer que a emigração européia trouxesse consigo os sistemas aperfeiçoados de cultura que conseguem no Velho mundo de terras pouco férteis e já esgotadas, tirar resultados magníficos... Tem se acusado os novos lavradores de um espirito inveterado de rotina; e com quanto em parte seja verdadeira a accusação, não é comtudo justa. Só a grande propriedade, dispondo de consideráveis recursos, pode tentar as experiencias caras, e aventuradas,

d'onde surgem as descobertas: os nossos cultivadores, que não estão nessas circunstâncias, que não tem mesmo conhecimento do que se faz em outros países, pelas longas distâncias, e dificuldade de comunicação com os centros de civilização, ião seguindo os processos communmente praticados e recebidos, acompanhados pelos novos colonos. Tal é a principal explicação de atrazo de nossa lavoura".

Já então, o presidente da província fazia referência ao caracter anti-econômico da pequena propriedade, destacando alguns fatores que impediam uma maior produtividade. Previa melhores dias, uma vez que havia sido criado um novo ministério encarregado de promover o desenvolvimento da agricultura, além de ter sido criado por decreto de 8 de agosto de 1861 um Instituto de Agricultura na província, a exemplo do que já existia em outras províncias *"onde se podesse aprender o uso dos aparelhos modernos e dos mais aperfeiçoados sistemas de cultura"*.

Em 1864, o presidente da província Dr. Espiridião Eloy de Barros Pimentel(11) lamentava que o Imperial Instituto Rio-Grandense de Agricultura, *"creado para suprir a falta do ensino profissional"*, não estivesse funcionando porque ainda não estava organizado. Dizia:

"É para lamentar que uma idea tão grandiosa e fecunda em magníficos resultados se fosse realizada, pareça estar ameaçada de morte prematura pelo indifferentismo desconhecedor das vantagens reaes que de semelhante instituição devião provir ao desenvolvimento da agricultura".

Implícita aí, a mentalidade pastoril dos grupos dominantes, o que fica mais explícito quando o presidente enumera as causas que contribuíram para o estado insatisfatório da agricultura, demonstrando que a colonização alemã não foi capaz de difundir novas técnicas(12);

- 19) - os processos até aqui usados no amanho das terras, na colheita e preparação dos productos da lavoura;
- 20) - a falta do emprego de machinas e outros instrumentos aratórios que, supprindo e multiplicando o trabalho do homem, e utilizando as forças da natureza, concorrão para augmentar a producção com economia de tempo e de capitães;

- 39) - a falta de um bom regimen hypothecario, e como consequencia della a de instituições de credito rural, que facilitem empréstimos lucrativos aos proprietarios do sôlo;
- 49) - a pouca extensão dos meios de consumo que experimenta a provincia para os seus productos, devida à natureza, insufficiente variedade e imperfeita preparação d'estes;
- 59) - a falta de instrucção profissional;
- 69) - as tendencias da população mais inclinada ao ramo da criação do gado do que à cultura da terra;
- 79) - finalmente, e sobretudo, a falta de vias de comunicação, que difficulta e torna muito dispendiosos os transportes entre os centros productores e os mercados.

Ao enumerar essas causas, o presidente apontava para um dos grandes problemas com que se defrontaram os núcleos coloniais, com exceção de São Leopoldo - a sua localização inadequada, dificultando o escoamento da produção. E fica a pergunta: se com a adoção de técnicas rudimentares que evidentemente influíram negativamente na produtividade, já era difícil o escoamento da produção, quais seriam as conseqüências advindas da utilização de técnicas mais avançadas, de exploração mais racional do solo? Sabe-se que muitas vezes, nos núcleos coloniais mais afastados e não dotados de vias que permitissem um rápido e eficiente escoamento da produção, os colonos disiludidos diminuíram sua produção, entregando-se nas horas vagas ao vício da bebida.

Embora posicionando-se ideologicamente ao lado do liberalismo econômico ("*Em minha humilde opinião o emprego dos meios indirectos para remover os obstaculos que se oppoem à marcha progressiva da agricultura, é mais proficuo do que essa intervenção governamental em proteger directamente este ou aquelle ramo da industria, e até à empresas particulares, com o que se tem dispendido, sem resultados correspondentes, largas sommas que sô a especuladores tem utilidade*"), o presidente Barros Pimentel não ignorava a importância da ação do Estado no desenvolvimento econômico. Referindo-se às causas que se opunham ao desenvolvimento da agricultura dizia:

"... algumas só podem ser removidas pela modificação dos hábitos e da rotina da população; outras dependem da ação dos altos poderes do Estado, como seja principalmente a solução do problema da criação do crédito rural, que oferece as maiores dificuldades para que venha a ser satisfatória".

Em 1867, Carlos von Koseritz, então Agente Intérprete da Colonização, no seu famoso Relatório(13) traduzia a preocupação com a rotina encontrada nas áreas de colonização alemã, onde havia uma acomodação ficando o colono preso às técnicas rudimentares e não se interessando pela modernização da agricultura. Mas também não esquecia de lembrar que a introdução de técnicas mais avançadas, esbarrava no seu alto custo.

No verão de 1871/72, o inglês Mulhall(14) visitando as colônias alemãs, observava concordando com o que dizia o Relatório do Inspetor das Colônias de que o principal defeito dos colonos alemães "é o hábito da rotina que os torna adversos a qualquer mudança como os métodos mais avançados da agricultura ou o uso de máquinas ..." mas no nosso meio, que ainda não despertou realmente para tais progressos, o alemão permanece tão conservador como se o mundo nunca houvesse mudado e, junto com sua simplicidade (que é tão admirável) perpetua o sistema retrógrado da agricultura de épocas passadas.

O governo fez tentativas de introduzir novas técnicas. E houve alguma receptividade a isso por parte dos colonos, mas os efeitos foram nulos.

Um método simples - da estrumeação como forma de adubagem, poderia ter sido usado; mas exigia necessariamente a existência de pecuária nos núcleos coloniais. Mas a pecuária era uma atividade secundária, porque faltavam pastagens nos lotes. E assim não havia condições para o fornecimento de esterco que pudesse manter a fertilidade do solo.

Analisando a produção agrícola nos primitivos núcleos coloniais, se observa que ela descreveu uma curva ascendente e depois descendente, quando então o colono saía a procura de terras mais férteis, isto é, terras novas recém-conquistadas à mata virgem (zo-

nas pioneiras). E a razão do decréscimo da produtividade e consequente queda de rendimento está na adoção da técnica da queimada, rotineira e nociva que provocou o esgotamento do solo. O colono empobrecido com a redução progressiva e inexorável do solo, para fugir a estagnação ou a pauperização, se lança à migração interna, possível pela disponibilidade de terras. É o êxodo em busca de novas frentes agrícolas, onde a processo vai ser reiniciado.

Assim, a técnica da queimada, destruindo a fertilidade do solo, esgotando-o, acabou favorecendo o processo de povoamento, ampliando os espaços ocupados. E para povoar e organizar os espaços vazios que o alemão fora atraído como colono. E isso, fruto da contradição existente entre a técnica espoliativa da queimada periódica, a estrutura mini-fundiária e a fecundidade das famílias, ou seja, fruto da incompatibilidade entre a alta taxa de natalidade das famílias de colonos e a pequena propriedade rural cujo solo teve sua fertilidade destruída pela queimada.

A densidade populacional nas zonas de colonização alemã foi logo superior à média brasileira, contribuindo decisivamente para o aumento da densidade demográfica provincial. Mas em função da estrutura agrária e da técnica agrícola empregada, aliadas à alta taxa de natalidade, os primitivos núcleos coloniais alemães que com suas densidade populacional haviam contribuído para o aumento demográfico provincial, assistiram às migrações rurais. E se esses antigos núcleos coloniais não se transformaram em áreas industriais, hoje têm menor densidade demográfica que a média estadual.

Foram, pois, as colônias alemãs pela ocupação e organização do espaço regional e pelas migrações internas, provocadas entre outros pelos efeitos da técnica da queimada, que contribuíram para o povoamento do Brasil, alcançando assim o governo, no século XIX, um dos objetivos perseguidos.

Como ensina Jean Roche, aproveitando a teoria de Pierre Gorou sobre a importância da densidade populacional(15):

"O recurso ao estudo da densidade populacional, no duplo plano dinâmico e sincrônico, esclarece muitos dos paradoxos apresentados pela história da colonização germânica no Brasil e revela enfim o que deve ser considerado como o fundamento do seu êxito

quase que imediato senão sempre fácil (sic), a saber, num país mais rico em terras do que em capitais e em mão-de-obra, a constituição de núcleos suficientemente densos para poderem logo de início explorar a terra e organizar o espaço, gozando assim de um privilégio raro no Brasil. E se apesar das suas qualidades individuais e coletivas, os colonos não conseguiram desenvolver todas as possibilidades de expansão regional nem constituir grupos tão enraizados como os camponeses de Europa, a explicação é que eles não puderam aumentar a sua densidade suficientemente para conservar ou aumentar a fertilidade do solo, ameaçado pela rotação das terras e das queimadas, prática incompatível com a pequena propriedade e a forte natalidade, condenando os colonos a ficarem desbravadores de mata virgem, picneiros sempre sacrificados na conquista da terra arável, filhos sempre frustrados dos bens adquiridos pelos pais..."

Da colonização dizia em 1864 o presidente da província Dr. Espiridião Eloy de Barros Pimentel(16):

"Ninguém hoje desconhece que o aumento da população por este meio é uma condição essencial para a prosperidade do Império".

Realmente a colonização alemã foi responsável pelo ressurgimento da agricultura no Rio Grande do Sul, aumentando e diversificando a produção, contribuindo, pois, para a prosperidade da província. Como dissera em 1859, o presidente da província Conselheiro Joaquim Antônio Fernandes Leão(17):

"O futuro da província, o desenvolvimento da sua lavoura e da sua indústria repousam no desenvolvimento dos seus núcleos coloniais existentes, e dos que ainda houverem de fundar".

A produção colonial alemã não se voltou apenas para o mercado interno provincial. Isso é visualizado ao se analisar a tabela sobre a exportação da Colonia de São Leopoldo do 2º semestre de 1845(18) e o quadro elaborado em outubro de 1861 e pela 1ª. Seção da Diretoria Geral da Fazenda Provincial em Porto Alegre(19), anexos.

Mas ao ser analisada a produção do Rio Grande do Sul no século XIX, não deve ser esquecido que a colonização alemã se responsabiliz

zou pelo reerguimento da agricultura e não pelo seu surgimento da agricultura e não pelo seu surgimento. A produção e o comércio sul-riograndense e o seu crescimento nos fins do século XVIII e inícios do século XIX, antes portanto do estabelecimento da colônia de São Leopoldo, podem ser visualizados nas tabelas sobre a exportação pelo porto do Rio Grande de 1790 a 1797 e pelos portos do Rio Grande e Porto Alegre de 1805 a 1820(20), anexas.

Essas tabelas mostram a importância mínima da produção agrícola na economia sul-riograndense antes de 1824, correspondendo plenamente a colonização alemã à esperança nela depositada como fator de povoamento e de aproveitamento econômico de zonas desprezadas pelos elementos luso-brasileiros.

Entre 1824 e 1875, quando se inicia oficialmente a colonização italiana, a agricultura foi atividade desenvolvida quase como exclusividade pelos colonos alemães.

Ao se assinalar a elevada produtividade em termos agrícolas da província de São Pedro do Rio Grande do Sul no século XIX, não se pode ignorar que os colonos alemães começaram praticamente da estaca zero. Assim, qualquer que fosse o montante da produção agrícola, independentemente da técnica usada, o seu aumento seria significativo quando comparado com a produção de épocas anteriores à colonização alemã, vindo essa ao encontro de outro dos objetivos visados pelo governo brasileiro com a imigração alemã - o abastecimento. Basta lembrar o caso da mandioca, cuja produção foital que não apenas libertou a província da importação, como também transformou o Rio Grande do Sul em exportador.

E se a produção agrícola desde logo não foi maior, além da ênfase na técnica utilizada, deve ser levado em conta o fato de que muitos dos colonos nada entendiam de agricultura. Referindo-se, por exemplo, à Colônia de Nova Petrópolis fundada em 1858 pelo governo provincial, o Diretor da Colônia Frederico Guilherme Bartholomay escrevia no seu Relatório de 1863:

"No tempo da fundação cometeu-se um erro grande: a maior parte dos colonos enviados para a formação da colônia foi composta de oficiais de ofícios e trabalhadores de fábricas, toda gente que nada sabia dos trabalhos de agricultura e que todos precisaram

anos para se acostumar, resultara dieto o estado de pobreza em que a colonia estava nos primeiros anos depois de sua fundação ..."

Apesar disso, o povoamento - meta do governo brasileiro a ser alcançada com a colonização alemã - foi de base agrícola.

Hoje é indiscutível a pobreza dos pequenos proprietários agrícolas nas antigas zonas coloniais alemãs. A utilização da técnica da queimada, reduzindo a fertilidade do solo, se responsabilizou pelo baixo rendimento obtido, resultando, além de recursos insuficientes para a utilização de técnicas mais aperfeiçoadas, as migrações internas ou o êxodo rural.

Concluindo: a técnica usada nas colônias alemãs instaladas no século XIX no Rio Grande do Sul e que não primou nem por sua excelência nem por sua eficiência, contribuiu, apesar de tudo, para a consecução dos objetivos visados pelo governo brasileiro. Mas os custos sociais que isso representou hoje são questionados, assunto complexo que por sua natureza foge às limitações da presente comunicação.

ANEXOS

Tabela sobre exportação de São Leopoldo no 2º semestre de 1834, organizada por João Daniel Hillebrand.

Quadro das quantidades e valores dos diversos produtos de gado vacum e de alguns outros gêneros de mais importância, nos cinco anos de 1856, 1857, 1858, 1859, 1860 e 1860-1861, despachados pelas mesas de rendas provinciais e pelas coletorias mencionadas.

Tabela sobre o movimento de exportação do porto do Rio Grande de 1790 a 1797.

Tabela sobre a exportação da capitania de São Pedro pelos portos do Rio Grande e Porto Alegre de 1805 a 1820.

Exportação do anno de 1845 — 2.º Semestre

GENEROS	PORÇÃO	PREÇO	Valor total	
Abobora.....	N	420	\$100	42\$000
Algodão.....	Arr. ^o	2	2\$000	4\$000
Armario grande.....	N	1	30\$000	30\$000
Balatas.....	Saccos	2829	2\$560	7.242\$240
Idem doces.....	Saccos	7	2\$560	17\$920
Botims.....	Pares	2859	3\$800	10.864\$200
Botas cumpridas.....	Pares	48	6\$500	312\$000
Barrigueiras ou Cinzas.....	N	50	2\$240	112\$800
Cabras.....	N	12	7\$000	84\$000
Cevada.....	Saccos	33	5\$000	165\$000
Cinza.....	Saccos	6	4\$000	24\$000
Crina de Cavallos.....	Arr. ^o	3 1/2	5\$000	17\$500
Colla.....	Arr. ^o	14	12\$800	179\$200
Caxassa.....	Pipas	11 1/2	90\$000	1.057\$300
Cerveja.....	Duz. ^o	140	2\$000	280\$000
Carretas grand'.....	N	30	120\$000	3.600\$000
Carretilhas.....	N	13	150\$600	1.950\$000
Carretas pequenas.....	N	5	30\$000	150\$000
Carro d' mão.....	N	3	7\$000	21\$000
Cepos de Tamancos.....	Pares	29600	\$100	2.960\$000
Cabeçadas.....	N	96	1\$600	153\$600
Cartuxeiras.....	N	78	3\$900	234\$000
Crina crespada de Cavallo.....	Arr. ^o	4	5\$000	20\$000
Chifres.....	N	2000	18\$000	36\$000
Carvão.....	Barr. ^o	3046	1\$900	4.878\$000
Carónas.....	N	30	3\$000	90\$000
Ervilhas.....	Saccos	11	5\$000	55\$000
Erva de Matte.....	Arr. ^o	363	2\$200	842\$600
Feijão.....	Saccos	2220	8\$000	17.760\$000
Farinha de Mandioca.....	Saccos	5749	2\$880	16.557\$120
Idem de Milho.....	Saccos	387	4\$500	1.741\$500
Idem de Senteio.....	Saccos	5	5\$000	25\$000
Fumo.....	Arr. ^o	3	10\$000	30\$000
Gallinhas e Frangos.....	N	11629	\$560	6.520\$240
Graxa de Porco.....	Arr. ^o	12	12\$800	153\$600
Quaiaccas.....	N	90	3\$000	270\$000
Lentilhas.....	Saccos	12	6\$000	72\$000
Linhaça.....	Saccos	7	10\$000	70\$000
Leitões.....	N	18	1\$000	18\$000
A transportar.....				77.834\$220

GENEROS		PORÇÃO	PREÇO	Valor total
Transporte.....				78:635\$660
Lombilhos lavrados.....	N	2656	a 181000	47:808\$000
Lombilho lavrado fino.....	N	1	100\$000	100\$000
Idem Idem.....	N	7	32\$000	224\$000
Idem lisos.....	N	395	7\$000	2:765\$000
Louros.....	Duz. d Pans	21	5\$760	120\$000
Lenha.....	Talhas	30	1\$000	30\$000
Milho.....	Saccos	4202	4\$600	18:989\$000
Manteiga.....	Arr. ^s	245	16\$000	3:920\$000
Mallas de Couro.....	N	6	6\$000	36\$000
Ovos.....	Duz. ^s	17370	\$240	4:169\$280
Polvilho.....	Saccos	7	12\$800	89\$000
Porcos gordos.....	N	22	30\$000	660\$000
Pirús.....	N	11	1\$600	17\$600
Patos.....	N	6	\$640	3\$840
Planções de Grapiapunha.....	Duz. ^s	5	60\$000	300\$000
Queijos.....	Duz. ^s	954	\$640	610\$560
Rapaduras.....	N	500	\$100	50\$000
Rodas ferradas.....	Pares	2	40\$000	80\$000
Idem com eixo de ferro.....	Pares	1	70\$600	70\$000
Rodas de fiar.....	N	44	4\$000	176\$000
Rédeas.....	N	12	\$320	3\$840
Rabixos.....	Duz. ^s	14	4\$800	67\$200
Repolho.....	Cabeças	13141	8080	1:051\$200
Sapatos.....	Pares	76	1\$600	121\$600
Toucinho.....	Arr. ^s	683	8\$000	5:464\$000
Tamancos.....	Pares	4055	\$640	2:595\$200
Taboa de Lei.....	Duz. ^s	13	20\$000	260\$000
Vaquettas.....	Duz. ^s	198 ¹ / ₂	36\$000	8:109\$000

Somma Rs..... 176:458\$700

Exportação das picadas da Serra..... 37:291\$740

Valor da Exportação do 2.º Semestre Rs..... 211:750\$440

Idem Idem do 1.º Semestre..... 181:532\$280

Valor Total da Exportação do anno de 1845 Rs..... 392:282\$720

João Daniel Hillebrand
Ex-Director da Col.^a d S Leopoldo

N. B. Publicado no Jornal do Commercio de Porto Alegre N. 570 d 21 d Jan.^o de 1846.

Recapitulação

Exportação de 1842.. 247:543\$800 Rs. Idem de 1844.... 383:555\$052 Rs.
Idem de 1843..... 311:320\$996 Rs. Idem de 1845.... 393:282\$720 Rs.

BOLETIM DE ECONOMIA DO ESTADO DO RIO GRANDE DE 1954 A 1955

PROD	1950	1951	1952	1953	1954	1955	1956	1957	1958	1959	VALOR R\$ 1000	PREÇO MÉDIO	RENDIMENTO
Arroz	87	114	114	121	137	148	144	144	144	144			
Trigo - alg.	13.041	209.258	209.729	21.254	62.018 ^{1/2}	20.238 ^{1/2}	29.550	66.933 ^{1/2}	475.774 ^{1/2}	12720	100.067.160		
Deixada de trigo - ar.	2.715	3.211	2.606	1.827	822	170	2.811	8	14.462	12120	17.234.640		
Garapa - ar.	209.418	253.126	259.671	264.745	241.442	206.521	252.450	255.070	314.124	540	1.497.354.350		
Dois - ar.	11.264	1.508	16.070	19.100	25.559	27.220	26.428	34.977 ^{1/2}	162.556 ^{1/2}	870	1.118.453.130		
Quebra de milho	111.021	122.245	149.571	127.642	120.744	203.103	233.627	205.157	12.26.532	950	1.176.028.000		
Queijo	26.794	6.267	3.555	6.394	4.364	6.041	6.325	3.775	10.375	300	1.751.285.00		
Manteiga - ar.	12	-	30	80	20	145	12	68	25	22240	751.200		
Grão de toco - ar.	-	-	-	60	116	251	510	240	1.757	850	152.271.500		
Dois de toco - alg.	-	-	-	100	6.600	1.070	3.918	2.040	11.243	100	118.342.70		
Dois - ar.	20	-	20	-	3	-	11	3	130	18600	203.620		
Dois - alg.	-	-	-	31	320	24	25	2 ^{1/2}	450 ^{1/2}	800	266.600		
Dois de leite - ar.	-	-	2	60	60	50	8	20	168	17600	236.800		
Dois de leite - alg.	-	-	20	-	33	3	20	123	207	18000	232.400		
Dois	-	-	-	200	602	25.540	64.547	74.812	177.425	8	2.411.420		
Dois - leite	-	-	-	200	1.820	603	609	553	3.178	180	337.800		
Dois - alg.	-	-	-	-	-	-	70	-	84	640	335.160		
Dois - ar.	-	-	-	-	-	-	29	-	82	640	521.500		
Dois - alg.	-	-	-	-	-	-	29	29	24.000	66.000	66.000		
Dois de leite	-	-	-	-	-	-	112	112	900	56.000	56.000		
Dois de leite	-	-	-	-	-	-	11	11	24.540	281.600			
Dois de leite	11.640	71.184	63.217	6.296	6.211	17.852	20.279	140	143.296	750	124.407.000		
Dois de leite	2.647.840	3.454.800	3.222.277	1.400.000	1.700.000	18.122.200	21.571.210	-	-	-	7814.5120		
SOMA TOTAL DOS 8 PROD													3.754.346.120

EXPORTAÇÃO DA CAFÉIARIA DE SÃO PEDRO DELOS PORTOS DO RIO GRANDE E PORTO ALEGRE DE 1905 A 1920

ANO	TRIGO ALQUEIRE	COGROS (UNIDADES)	CHARQUE (ARROBAS)	SERO (ARROBAS)	GRATA (ARROBAS)	CHIPRES (UNIDADES)	BARRIS DE CARNES	CARNELO (ARROBAS)
1805	136.825	369.226	951.910	53.811	2.580	389.995	-	117
1806	87.755	314.124	806.776	58.472	620	325.751	7.125	39
1807	140.338	403.393	966.052	65.504	964	471.268	803	67
1808	257.303	247.991	868.070	62.556	760	274.411	890	30
1809	154.038	217.772	741.762	56.673	340	376.148	20.680	45
1810	190.545	329.141	691.799	67.996	1.460	324.262	1.958	24
1811	205.534	293.692	1.038.555	79.141	530	386.603	1.026	150
1812	213.928	353.911	1.243.372	96.419	670	433.095	1.675	-
1813	342.087	358.626	1.238.702	96.651	5.335	217.501	860	111
1814	270.349	421.313	1.303.515	108.207	9.213	307.568	1.673	87
1815	258.447	419.941	1.259.622	85.514	5.057	354.650	1.705	156
1816	279.621	368.912	1.233.300	84.597	5.892	637.860	937	675
1817	133.359	238.679	763.143	43.496	8.440	354.439	962	847
1818	76.395	290.950	919.482	63.914	10.648	403.313	1.720	2.726
1819	121.542	210.806	770.648	54.551	7.508	279.528	320	231
1820	109.608	272.678	948.986	66.056	9.901	402.788	394	129

Fonte: Tabela organizada com dados apresentados por CHAVES (Antonio Gonçalves) "Memórias Econômico-Políticas sobre a Administração Pública do Brasil", in Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, Ano II, Porto Alegre, 1922, p. 275-276.

INTERVENÇÕES

Da Profa. *Lucinda Coutinho M. Coelho* (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Declara:

"No relatório de 10/04/1830 do Presidente da Província Lopes Gama, está citado o uso da charrua, do arado. Encontrei numa pesquisa, sobre a imigração norte-americana em São Paulo, a referência, em autor americano do século XIX, do pioneirismo norte-americano na introdução do arado".

*
* *

Do Prof. *Jaciro Campante Patrício* (UNESP - Marília).

Disse:

"A comunidade é importante e deixa claro que o capital não é tudo.

Indagamos:

- 1º) - Por que os referidos imigrantes recorreram à técnica de origem pré-colombiana, isto é, à coivara, para, em seguida, aplicar o arado, de origem européia?*
- 2º) - O colono açoriano desconhecia o arado?*
- 3º) - Na documentação consultada há descrições sobre o arado utilizado pelos colonos alemães?"*

*
* *

Da Profa. *Rachel Grazziotin* (Universidade de Caxias do Sul)

Pergunta:

"As terras dos colonos alemães realmente eram doadas? A misérrima condição do imigrante alemão está comprovada?"

*
* *

Do Prof. *George Browne* (Seton Hall University - USA).

Declara:

"Por volta de 1846 a legislação imperial facilitou aos governos provinciais a escolha de terras devolutas para colonização e a Província de São Pedro do Rio Grande do Sul dela lançou mãos para a colonização na década de 1850".

*

* *

Do Prof. *Lawrence Nielsen* (Universidade Federal de Santa Catarina)

Afirma:

"A queimada ou coivara também era técnica usada pelo campesino europeu no século XIX, quando tinha que limpar a terra. Realmente é uma técnica primitiva e universal.

Faz parte do princípio de 'menos trabalho'. O fogo facilita o trabalho da limpeza da terra. Ainda hoje a queimada é utilizada pela agricultura moderna e industrializada do arroz, milho e trigo na Califórnia e outras regiões dos Estados Unidos.

Seria bom consultar os trabalhos de Eric Wolf e Ester Bossemp sobre o campesinato e a tecnologia agrícola"

*

* *

Do Prof. *R.F. Colson* (Universidade de Santa Catarina)

Pergunta:

"Qual o sistema de crédito adotado na colônia. Quem emprestava de quem?"

*

* *

RESPOSTAS DA PROFa. *HELGA I.L. PICCOLO*

Respondeu:

À Profa. *Lucinda Coutinho M. Coelho*.

"Acredito que se trata de falta de conhecimento sobre a imigração alemã no Rio Grande do Sul, do citado autor. Na verdade não informamos que coube aos alemães a introdução do arado no Rio Grande do Sul. Maiores informações serão dadas na resposta seguinte".

*
* *
*

Ao Prof. *Jaciro Campante Patrício*.

"19) - Não se pretendeu na comunicação discutir a evolução de técnicas utilizadas pelos imigrantes nos núcleos alemães. O fato de terem recorrido à coivara não exclui o uso do arado, ou seja, a técnica da coivara e o arado foram usados concomitantemente desde o início da colonização.

29) - Nos parece ser descabido afirmar - o que não foi dito na comunicação - que o arado tenha sido introduzido no Rio Grande do Sul pelos colonos alemães, porque no Inventário a que se procedeu em princípios de 1824 da Feitoria de Linho Cânhamo, quando ela foi extinta para dar lugar à Colônia de São Leopoldo, constam do item denominado "*Ferramenta de uso da roça*", entre enxadas, machados, foices, etc. "*cinco arados em uso*" que, segundo o avaliador valiam três mil e quatrocentos réis.

Disso se conclue que antes da colonização alemã no Rio Grande do Sul, na área que seria escolhida para sede da primeira colônia geral na Província, o arado era conhecido e usado. O que não podemos responder é quem o introduziu no Rio Grande do Sul.

Na documentação consultada sobre a colonização açoriana nada consta. A Provisão régia de 9 de agosto de 1947,

que regulamentou a colonização açoriana e o Edital daí de corrente e que foi publicado nos Açores e que poderiam elucidar a questão do conhecimento do arado, são omissos no que concerne ao assunto. O Edital apenas relaciona as ferramentas que seriam distribuídas aos colonos, sem mencionar o arado".

*
* * *

À Profa. *Rachel Graziotin*.

"Até a lei provincial nº 304 de 1854, os colonos recebiam gratuitamente as terras (por decisão do governo geral quando se decidiu pela iniciativa da colonização alemã no Rio Grande do Sul, seriam dadas 160.000 braças quadradas. Quando a Província assumiu a iniciativa da colonização em decorrência da lei geral nº 514 de 28 de outubro de 1848, as doações passaram a ser de 100.000 braças quadradas).

A citada lei provincial nº 304 instituiu a colonização na base da venda de terras.

A miserabilidade de muitos imigrantes alemães é atestada pela correspondência de José Thomas de Lima, inspetor da Colônia de São Leopoldo, entre 1824 e 1830".

*
* * *

Ao Prof. *Lawrence James Nielsen*.

"Agradecemos as indicações bibliográficas. Mas lembramos que não afirmamos que essa técnica não era conhecida e usada em outras regiões do mundo. O que pretendemos foi colocar algumas implicações do uso dessa técnica em colônias alemãs no Rio Grande do Sul no século XIX".

*
* * *

Ao Prof. R.F. Colson

"Em absoluto foi dito que havia sido adotado um sistema de crédito nas colônias alemãs. O que se disse na comunicação foi que um presidente da Província - Dr. Espiridião Eloy de Barros Pimentel - em 1864, ao analisar o estado insatisfatório da agricultura no Rio Grande do Sul, enumerava uma série de causas que para isso contribuíam e entre essas está a *falta* de crédito rural".

NOTAS

- (1) Oberacker Jr., Carlos H. - "A Colonização baseada no Regime da pequena propriedade agrícola", in *História Geral da Civilização Brasileira*, tomo II, 3º volume, p. 223. Difel, São Paulo, 1967.
- (2) Ianni, Octavio - "O progresso econômico e o trabalhador livre", in *História Geral da Civilização Bras.*, tomo II, 3º vol., p. 309, Difel, São Paulo, 1967.
- (3) Os grifos são nossos, para acentuar a preocupação, implícita, com o predomínio do trabalho escravo.
- (4) Correspondência ativa do governo da província com o governo central, especificamente a carta de José Feliciano Fernandes Pinheiro a Luiz José de Carvalho e Mello datada de 22 de abril de 1824, publicada na *Revista do Arquivo Público do Rio Grande do Sul*, nºs. 15-16 correspondentes aos meses de setembro-dezembro de 1924.
- (5) Roche, Jean - *L'Administration de la Province du Rio Grande do Sul de 1829 a 1847*, p. 76, publicação da Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1961.
- (6) Oberacker Jr., Carlos H. - *A Contribuição Teuta à Formação da Nação Brasileira*, 2a. ed. p. 227. Editora Presença, Rio de Janeiro, 1968.
- (7) Roche, Jean - *A Colonização Alemã no Rio Grande do Sul*, vol. I, cap. IV, Editora Globo, Porto Alegre, 1969, p. 286.
- (8) Roche, Jean - *ob.cit.*, p. 288.
- (9) Relatório com que entregou a presidência da província ao Vice-Presidente Comendador Patrício Correa da Câmara, Typographia do Jornal A Ordem, Porto Alegre, 1861, p. 21.
- (10) Relatório citado, p. 48.
- (11) Relatório apresentado na 1a. sessão da 11a. legislatura da Assembleia Provincial, Typographia do Correio do Sul, Porto Alegre, 1864, p. 52.
- (12) Relatório citado, p. 50.
- (13) Relatório que serviu ao presidente da província Francisco Ignácio Marcondes Homem de Melo quando abriu os trabalhos da 2a. Sessão da 12a. Legislatura da Assembleia Provincial. Typographia do Rio Grandense, Porto Alegre, 1867.
- (14) Mulhall, Michael G. - *O Rio Grande do Sul e suas colônias alemãs*, Editora Bels S.A., em co-edição com o IEL - DAC/SEC, Porto Alegre, 1974, p. 121.
- (15) Roche, Jean - "Qual foi a causa fundamental do êxito da colonização alemã em várias regiões do Brasil?", in *Anais do II Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros*, Universidade Federal de Pernambuco, Editora Universitária, Recife, 1974, pp. 202-203.
- (16) Relatório citado, p. 77.

- (17) Relatório apresentado à Assembleia Provincial na 2a. sessão da 8a. legislatura, Typographia Correio do Sul, 1859, p. 37.
- (18) Tabela organizada por João Daniel Hillebrand em 1845 e que consta do Relatório apresentado pela Câmara Municipal de São Leopoldo ao presidente da província Ângelo Muniz da Silva Ferraz em 1858. *Revista do Arquivo Público do Rio Grande do Sul*, n.ºs. 15-16, de 1924.
- (19) Esse quadro acompanha o já citado relatório com que o Conselheiro Joaquim Antão Fernandes Leão entregou a presidência da Província ao vice-presidente Comendador Patrício Correa da Câmara.
- (20) Essas tabelas constam da tese de Livre-Docência apresentada ao Centro de Estudos Básicos da Universidade Federal de Santa Maria em 1974 por Corcino Medeiros dos Santos. Mimeografada. A tese sob o título *O Rio Grande do Sul no século XVIII não foi defendida*.